

—DECRETO N.º 5.709, DE 30 DE MAIO DE 1979.—

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, em exercício, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios);

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas as vias públicas da Vila Mimosa e Jardim das Bandeiras:

I - RUA DAS DÁLIAS as Ruas M da Vila Mimosa, 1 do Jardim do Lago, 3 e 4 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 9 da Vila Mimosa e término na Avenida Senador Antonio Lacerda Franco;

II - RUA DOS GERÂNIOS as Ruas O da Vila Mimosa e 2 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua 1 do Jardim das Bandeiras;

III - RUA DAS MAGNÓLIAS as Ruas L da Vila Mimosa e 1 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua C da Vila Mimosa e término na Rua 1B do Jardim das Bandeiras;

IV - RUA DAS AZALEAS as Ruas F da Vila Mimosa e V do Jardim do Lago, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Avenida Senador Antonio Lacerda Franco;

V - RUA PERPÉTUAS as Ruas H da Vila Mimosa e R do Jardim do Lago, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Avenida Antonio Lacerda Franco;

VI - RUA DAS GARDÉNIAS a Rua B da Vila Mimosa, com início na Avenida Ana Beatriz Bierrenbach e término na Rua Dionizio Gazotti;

VII - RUA DAS VIOLETAS a Rua C da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua Dionizio Gazotti;

VIII - RUA DAS GLICÍNIAS a Rua D da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua Dionizio Gazotti;

IX - RUA DAS IRIS a Rua E da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua Dionizio Gazotti;

X - RUA DOS NARCISOS a Rua G da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua Dionizio Gazotti;

XI - RUA DAS VERBENAS a Rua I da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua H da mesma Vila;

XII - RUA DAS CRAVINAS a Rua J da Vila Mimosa, com início na Rua C da Vila Mimosa e término, na Rua L da mesma Vila;

XIII - RUA DAS TULIPAS a Rua K da Vila Mimosa, com início na Rua C da Vila Mimosa e término na Rua L da mesma Vila;

XIV - RUA DAS ROSAS a Rua N da Vila Mimosa, com início na Rua L da Vila Mimosa e término na Rua M da mesma Vila;

XV - RUA DOS MANACÁS a Rua 7 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XVI - RUA DOS LILASES a Rua 8 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XVII - RUA DAS QUARESMAIS a Rua 9 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 2 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 2 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XVIII - RUA DAS JULIETAS a Rua 10 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;



31 MAIO 1979



XIX - RUA DAS AÇUCENAS a Rua 11 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XX - RUA LOTUS a Rua 12 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 11 do Jardim das Bandeiras e término na Rua 14 do mesmo Jardim;

XXI - RUA DAS MADRESSILVAS a Rua 13 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XXII - RUA DAS SEMPRE VIVAS a Rua 14 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XXIII - RUA DOS MALMEQUERES a Rua 15 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XXIV - RUA DOS CICLAMES a Rua 16 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XXV - RUA DAS PAPOULAS a Rua 17 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 16 do Jardim das Bandeiras e término na Rua 19 do mesmo Jardim;

XXVI - RUA DAS BAUNILHAS a Rua 18 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 1 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim;

XXVII - RUA DAS ALFAZEMAS a Rua 19 do Jardim das Bandeiras, com início na Rua 20 do Jardim das Bandeiras e término na Avenida 1 do mesmo Jardim.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 30 DE MAIO DE 1.979.

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
PREFEITO MUNICIPAL EM EXERCÍCIO

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERV. PÚBLICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 28.461, de 4 de novembro de 1.976, em nome da Administração Regional, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 30 de maio de 1.979.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
SECRETÁRIO-CHEFE DO GABINETE DO PREFEITO

31 MAIO 1979



RUA DAS VIOLETAS

(Decreto 5709 de 30-maio-1979. Denominação dada à Rua "C" da Vila Mimosa, com início na Rua das Magnólias (antiga Rua "L" da Vila Mimosa e término na Rua Dionizio Cazotti.

VIOLETAS - Erva, da família das Violáceas, originária da Europa e muito disseminada pelo mundo, cultivando-se também nos jardins brasileiros (*Viola odorata* L.). Tem cerca de um palmo de altura; fôlhas abundantes, verde-escuras, cordiformes, dentadas; flores roxas ou purpúreas, simples ou dobradas, de perfume muito suave; o fruto é uma cápsula arredondada. Simbolizou, através dos tempos, a modéstia e a castidade. Foi por este motivo que Cloé ofereceu à Dáfnis, como presente virginal, uma grinalda de violetas. Os antigos a chamavam flor-de-prosérpina, pois, segundo a lenda, aquela deusa teria sido raptada por Plutão, quando colhia violetas na Sicília. Os romanos fabricavam com as violetas um vinho famoso. Na Turquia, ficou célebre um sorvete aromatizado com essa planta. O perfume de violeta tem sido igualmente muito apreciado. Extrai-se das flores um óleo essencial, empregado em perfumaria. Para tal fim, há grandes plantações nas vizinhanças de Nice, França. Todavia, devido ao alto preço que alcança o óleo natural de violeta, vem sendo substituído quase totalmente na indústria de perfumes por diversos produtos sintéticos. Das pétalas pode-se extrair ainda uma substância corante, violeta. A medicina popular prescreve vários usos para esta planta, mas sobretudo como peitoral, emoliente e sudorífera, especialmente indicada no sarampo e nas afecções bronquiais.

(Extraído de fls. 391 do volume 20 da Enciclopédia Brasileira Mérito).



As violeteiras arbustivas

Hermes Moreira de Souza descreve uma verbenácea arbustiva muito comum nos jardins, às vezes comportando-se como uma trepadeira e que recebe o nome de violeteira pelo colorido violeta das flores.

A família das verbenáceas abrange mais de três mil espécies de plantas distribuídas em cerca de 100 gêneros dispersos pelas regiões tropicais e temperadas, tanto do hemisfério norte como do sul. São plantas herbáceas, árvores ou arbustos cultivados como ornamentais, principalmente por produzirem flores vistosas, vistas com frequência na maioria dos jardins.

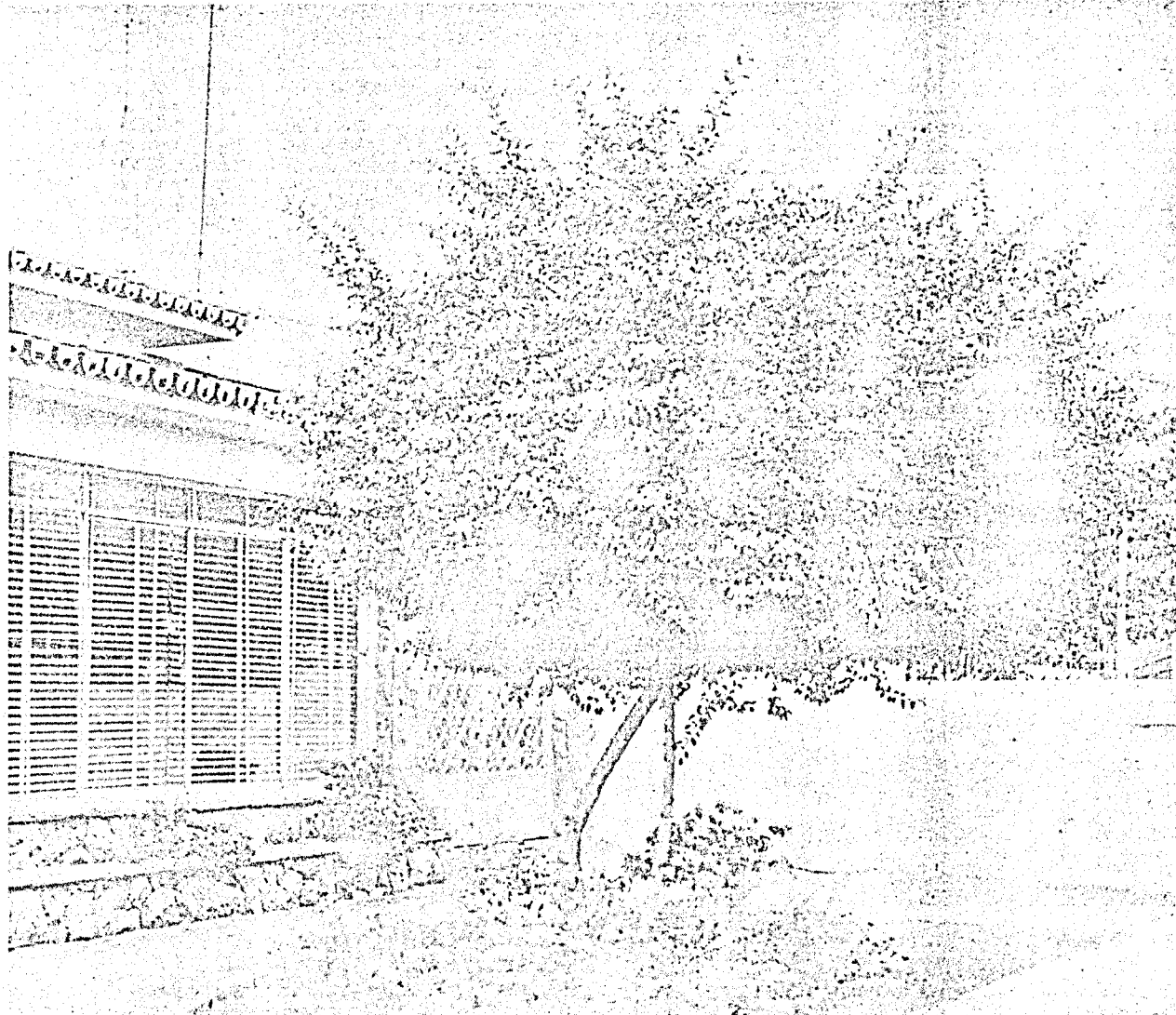
O nome da família é tirado de "verbena", nome latino aplicado por Virgílio e Plínio, justamente a uma espécie européia, *Verbena officinalis*, a qual passou a designar o gênero mais importante da família. Verbena, com cerca de 200 espécies, muitas das quais nativas no País.

Diversas verbenáceas são muito conhecidas; e entre as herbáceas estão principalmente as verbenas, também conhecidas por camaradilha. Uma boa parte é constituída de plantas arbustivas, tanto lenhosas como semilenhosas, com ramagem frouxa, embora sem ser tipicamente trepadeira. Entre elas estão, por exemplo, as lantanas nas cores amarela, branca, arroxeada e alaranjada, e que, quando silvestres e pouco atraentes, têm o nome de camará. Desse grupo fazem parte também as lípias cultivadas, cujas flores são muito perfumadas e das quais se extrai o óleo de verbena; algumas espécies silvestres são consideradas como plantas invasoras de pastos e terras de cultura.

Outras verbenáceas comportam-se como trepadeiras, como os clerodendros, entre os quais se acha a popular lágrima-de-cristo; há, entretanto, clerodendros herbáceos ou arbustivos. É também uma trepadeira, a conhecida flor-de-são-miguel, de belas flores lilases.

Muitas verbenáceas atingem porte médio ou grande; estas últimas, passíveis de exploração florestal. Entre as de porte médio estão os vitex, também conhecidos por tarumãs, quando nativos no País; alguns vitex foram introduzidos e são arbustivos, apropriados para abastecerem as abelhas, quando floridos.

Entre as verbenáceas de porte grande destaca-se a



O crescimento das durantas arbustivas lembra um pouco o de uma trepadeira, com ramos longos e pendentes. As flores são geralmente lilases e tanto a forma como a cor assem-

elham-se ao de uma violeta. Por isso, são chamadas violeteiras, sem que tenham parentesco com as violetas. São verbenáceas denominadas *Duranta plumieri*.

tectona da Índia que produz madeira valiosa para construções. No País, foi introduzida para produção de polpa de celulose, pelo crescimento rápido, a gmelina, que também é árvore ornamental. É frequente em muitas regiões o pau-de-viola, também chamado de salgueiro, de porte elevado e ramos mais ou menos pendentes.

Nos jardins brasileiros, é muito frequente uma verbenácea arbustiva, às vezes comportando-se ou sendo conduzida como uma trepadeira, e que recebe o nome comum de violeteira pelo colorido violeta das flores; às vezes também é chamada durância. Pertence ao

gênero *Duranta*, nome dado em homenagem a Castor Durantes, médico e botânico em Roma, no século 16. O gênero é americano e ocorre principalmente na América Central de onde penetra no México e Estados Unidos (Flórida), América do Sul, principalmente no Brasil e nas Antilhas. Abrange diversas espécies muito parecidas entre si, algumas com espinhos axilares e outras desprovidas dos mesmos.

As folhas são mais ou menos ovaladas, lisas ou levemente pubescentes, opostas ou verticiladas, com margens inteiras e a partir de um certo ponto, levemente serrilhadas. As

flores formam-se em ráculos longos e terminais ou curtos e axilares. São dispostas em séries e se abrem da base para o ápice, o que garante um florescimento muito prolongado, que se inicia em setembro e dura vários meses.

As flores possuem pedicelo curto; o tubo da corola é cilíndrico e expande-se formando cinco lóbulos iguais ou oblíquos, ciliolados; os estames são didínamos, ou seja maiores e dois menores. Os frutos aparecem em grande número, com belo colorido amarelo. São drupas suculentas, envolvidas pelo cálice, contendo em média 8 sementes.

A espécie mais cultivada é *Duranta Plumieri* que tem como sinônimo *Drepens*. Os ramos podem apresentar espinhos ou não e dão origem a uma copa densa, à semelhança de uma pequena árvore, quando podadas.

Essa espécie apresenta duas variedades raras em cultivo. Uma produz flores brancas e outra possui folhas variegadas de verde-amarelo, muito ornamentais.

As durantas resistem ao frio moderado e nas regiões sujeitas a geadas intensas, precisam de proteção. Os povos de língua inglesa conhecem-nas por fruta-

-de-bombo ou flor-do-céu e consta que na Califórnia, são oferecidas pelos viveiristas duas espécies, *Duranta lorentzii* e *D. stenostachya*.

São multiplicadas facilmente por estacas postas e enraizar em canteiros ou, ainda, por meio de sementes em canteiros ou caixas. Este último processo é mais trabalhoso e lento do que por estacas, e dá origem a plantas que apresentam variação no colorido das flores, que pode ser lilaz claro, médio ou escuro. A variedade branca transmite esse caráter da flor pelas sementes, desde que não haja polinização cruzada com espécie de flor lilaz.



JARDINAGEM

As violetas verdadeiras

A violeta é um gênero muito extenso; abrange cerca de quatrocentas espécies principais, sem contar o número de sub-espécies e variedades. Hermes Moreira de Souza trata das "violetas verdadeiras"

As violetas pertencem ao gênero *Viola*, da família das violáceas, nome usado por Virgílio, Plínio e outros autores da Antiguidade, através de uma adaptação do grego "ion". O gênero é muito extenso, abrange cerca de 400 espécies principais, sem contar o número de sub-espécies e variedades. No geral, são plantas herbáceas perenes, distribuídas pelas regiões temperadas dos hemisférios norte e sul; algumas chegam a ser arbustivas do sul da Europa e região andina da América Sul.

Um grande número de espécies é de ciclo anual ou bienal. Algumas não possuem caule e as folhas e pedúnculos florais saem da extremidade de uma raiz dilatada, parecida com um rizoma ou estolão curto.

As que possuem uma espécie de caule, produzem internódios longos e as folhas e os pedúnculos florais saem da axila das folhas. Estas variam muito em forma; muitas vezes são arredondadas, com a forma de um coração ou de um rim. Podem também ser lanceoladas e pouco ou profundamente recortadas.

As flores são sustentadas por pedúnculos longos e são de dois tipos, na mesma planta. Um é de flores vistosas, sustentadas por pedúnculos erectos, com pétalas bem desenvolvidas, fecundadas quando plenamente desabrochadas (mógamas). Outro tipo, é de flores sempre fechadas, não vistosas, de pedúnculos curtos e no geral não possuem pétalas, sendo fecundadas mesmo fechadas (cleistógamas). Em algumas espécies esse último tipo de flor fica escondido na serrapilheira ou terra vegetal, somente aparecendo quando se eleva sobre o nível do solo, para expor o fruto fecundado.

As flores vistosas formam-se principalmente durante o período em que os dias são curtos; verifica-se durante o inverno principalmente e as flores fechadas, costumam aparecer quando os dias são longos, durante o verão.

As flores das violetas possuem cinco sépalas desiguais e cinco pétalas irregulares, tendo a mais inferior uma espécie de apêndice em forma de espora curta ou longa. Possuem também cinco estames, dos quais os dois mais inferiores, com apêndices produtores de nectar, encaixam-se no órgão parecido com uma espora.



As violetas verdadeiras são plantas herbáceas, de porte baixo, quase rasteiro, produzem dois tipos de flores, um delas de haste longa, com corola vistosa, que pode ser lilás, rosa ou branca, conforme a variedade. Elas pertencem ao grupo botânico *Viola odorata*.

Os frutos são capsulas com numerosas sementes e algumas espécies são mirécócoras, isto é, contam com o auxílio de formigas, para a dispersão das sementes. Para isso, possuem corpos produtores de óleo, (elaiósomos) atraentes para esses insetos; isso acontece particularmente com *Viola odorata*. Em outras espécies, as cápsulas abrem-se quando maduras, por três valvas em forma de barco ou quilha, e à medida em que as valvas vão secando, as sementes, por contração, vão sendo expelidas.

Para fins hortícolas, o gênero *Viola* está dividido em dois grupos principais. Um, *Nominium*, constitui o grupo das violetas verdadeiras ou violetas propriamente ditas. Abrange, entre outras espécies, *Viola odorata*, *B. hirta*, *V. canina*. O segundo, *Melanium*, compreende o grupo dos amores-perfeitos verdadeiros ou amores-perfeitos propriamente ditos.

Os amores-perfeitos verdadeiros prosperam em estado nativo nos campos ao ar livre, encostas de motanhas e entre rochas, em pleno sol. Algumas espécies chegam a comportar-se como plantas invasoras em terras de cultura e, em sua maioria, são plantas que produzem flores abertas, muito vistosas e coloridas.

Os amores-perfeitos verdadeiros prosperam em estado nativo nos campos ao ar livre, encostas de motanhas e entre rochas, em pleno sol. Algumas espécies chegam a comportar-se como plantas invasoras em terras de cultura e, em sua maioria, são plantas que produzem flores abertas, muito vistosas e coloridas.

As violetas verdadeiras foram introduzidas nas regiões onde o clima é mais favorável como, por exemplo, na Capital de São Paulo e nas regiões serranas. São conhecidas pelo nome de violeta, violeta perfumada, bem como violeta cupéa tendo em vista a origem das plantas.

O cultivo das violetas intensificou-se no século 19 apesar de serem conhecidas desde os tempos mais antigos, por ser já cultivada na Pérsia, Síria e Turquia. As primeiras flores dobradas apareceram nas primeiras décadas do século 19 nas cores violeta, branca e rosa. As variedades com flores simples, porém de grande tamanho apareceram entre 1880 e 1885, tornando-se célebre a variedade czar que mereceu um prêmio da Sociedade Real de Horticultura da Inglaterra. Destacou-se também a variedade violeta-de-parma ou violeta-napolitana, cujas flores eram de grande tamanho, mas sem perfume, o que, aliás, acontece com muitas variedades cultivadas.

As variedades em cultivo elevam-se a mais de 60 e derivaram-se principalmente de *Viola odorata*, com a participação também de *V. alba*, *V. cyanea* e *V. pontica*.

As violetas perfumadas preferem solos compactos, ricos em matéria orgânica. Iniciam o florescimento com o outono e o estendem durante o inverno e primavera. Os canteiros destinados ao cultivo de violetas devem ser localizados em sombra parcial, devendo receber o sol da manhã pelo menos. São bem preparados, revolvidos, destorroados e enriquecidos com 10 a 15 kg de esterco curtido de curral por metro quadrado. Podem receber também uma adubação química, empregando-se 100 gramas de uma fórmula completa por metro quadrado de canteiro em perfeita mistura com a terra.

As violetas são multiplicadas principalmente por mudas, obtidas por divisão das touceiras ou por replante das plantas do ano anterior, que produzem as mudas melhores. A época para efetuar-se o replante ou a divisão das touceiras

vai de março a abril. As touceiras são arrancadas e divididas, de maneira que cada três coroas ou hastes com folhas e raízes e o respectivo estolão parecido com rizoma, constitui uma muda forte e são plantadas numa única cova, no espaçamento de 20 a 25 cm. As mudas são estabelecidas firmemente na terra, ficando a coroa e folhas no nível do canteiro. Os canteiros de violetas são mantidos sempre umedecidos e, nas regiões onde o calor e o sol são intensos, devem ser sombreados.

As violetas costumam ser plantas resistentes a pragas e moléstias; não necessitam de tratamentos preventivos. Entretanto, nos canteiros muito fechados e úmidos demais por falta de drenagem, podem ocorrer podridões no colo das plantas. Estas são prevenidas evitando-se o aglomeramento das plantas e possibilitando uma maior ventilação entre as plantas e uma drenagem melhor da água em excesso.



JARDINAGEM

As violetas africanas

A violeta africana é originária de regiões tropicais do norte da África. Hermes Moreira de Souza explica que esta planta é cultivada, geralmente, em vasos mantidos em ambiente de luz indireta.

As violetas destacam-se dentre as numerosas plantas ornamentais, como uma das mais populares. Elas abrangem três tipos distintos, dos quais o mais conhecido é o das violetas perfumadas e amores-perfeitos.

Essas plantas pertencem à família das violáceas, nome derivado do gênero mais típico, *Viola*, antigo termo latino usado por Virgílio, Plínio e outros autores antiguidade, que o tiram do grego. A semelhança de plantas diferentes e suas flores com as violetas perfumadas fez que estas recebessem nomes populares iguais, diferenciados apenas por um adjetivo ou por um topônimo. Violeta-perfumada é originária principalmente da Europa, no geral cultivada em canteiros. Suas flores são normalmente azul-violetas ou lilazes, podendo apresentar outras cores, principalmente branco. E a *Viola odorata*, que não tem parentesco algum com outras também chamadas de violetas.

As violetas-dos-alpes pertencem à família das primulas, originárias do Mediterrâneo e enquadradas no gênero *Cyclamen*; também são conhecidas por ciclames. Possuem folhas mais ou menos arredondadas, como as violetas-perfumadas, mas as flores são diferentes. São cultivadas em vasos e, ao contrário das violetas-perfumadas, que são rasteiras, estoloníferas, produzem um bulbo volumoso.

Finalmente, a violeta-africana é originária de regiões tropicais a leste do continente africano, próximas do mar. Pertencem à família das gesneriáceas, a mesma das gloxíneas e correspondem a diversas espécies do gênero *Saintpaulia*, criado em homenagem ao barão Walter Von Saint Paul. A espécie típica, que serviu de base para a obtenção de numerosas variedades cultivadas, é *Saintpaulia ionantha*. As flores das violetas-africanas lembram muito, no colorido, as das violetas-perfumadas, e o nome específico foi escolhido com muita felicidade, pois, tem o significado de flor de violeta ou flor violeta.

As violetas-dos-alpes e as africanas são cultivadas em vasos, em estufas ou abrigos cobertos de vidro ou plástico, a fim de não sofrerem danos causados por sol



As violetas-africanas devem ser cultivadas em vasos, em que floresçam por um período de tempo prolongado. Os vasos devem ser mantidos em locais abrigados, onde não sofram a ação direta do vento, da chuva e do sol intenso.

direto, chuvas, ventos e variações de temperaturas. Os floricultores expõem à venda vasos com plantas floridas. A violeta-dos-alpes, ou seja, o ciclame, requer mais cuidados e, por isso, raramente é cultivado pela dona de casa, que se limita a adquirir o vaso já florido, mantendo-o apenas durante essa fase. Já a mesma coisa não acontece com as violetas-africanas, que podem ser cultivadas com maior facilidade, enriquecendo o lar com mudas ou variedades.

Normalmente, as violetas-africanas são mantidas em vasos de barro de 10 a 15 cm de boca. São preenchidos com terra ve-

getal levemente ácida e que proporciona boa drenagem, com escoamento rápido de água de irrigação. Pode-se para isso utilizar uma mistura dos seguintes elementos: esterco curtido de curral, duas partes; terra argilosa, de boa qualidade, uma parte; areia de rio, uma quarta parte. Pode-se também usar terra arenosa, dispensando-se então a adição de areia. É conveniente passar cada um dos componentes numa peneira de malhas largas, o que é mais fácil, quando o material está ligeiramente umedecido.

Não se devem molhar as folhas das violetas-africanas, nem permitir que a água se acumule na coroa da planta onde estão as ge-

mas. Nos dias de chuva e de inverno, a irrigação deve ser reduzida, de maneira a deixar os vasos apenas umedecidos. Assim se evitam podridões no colo da planta. Nos dias quentes, a frequência da irrigação deve ser maior, desde que a água escoe facilmente.

Os vasos de violetas-africanas devem ser mantidos em ambiente onde a luz seja de preferência indireta. As plantas desenvolvem-se em condições ideais quando a temperatura fica ao redor de 25°C e a umidade relativa do ar por volta de 60 a 80%. Soléis ou batentes de janelas e vitros, terracos envidraçados e de grande luminosidade, onde

as cortinas possam permanecer abertas, são os locais adequados. Nos ambientes com deficiência de iluminação, as plantas apresentam sintomas típicos, com folhas longas, com pecíolo comprido e frágil. Nesse caso, as lâminas das folhas perdem também o verde sadio e carregado, e as plantas diminuem consideravelmente o florescimento ou o interrompem de uma vez.

Uma das pragas mais comuns são os pulgões, que formam colônias nas brotações; esses insetos diminuem e de aparência delicada sugam a seiva, enfraquecem a planta e deformam folhas e flores. Apa-

recem também colônias de cochonilhas, tanto as de escamas como as que se apresentam como pequenos flocos brancos, lembrando o algodão. Esses insetos persistentes exigem combate constante, assim como os tripses, que raspam as folhas e as flores das violetas-africanas, deixando-as esbranquiçadas ou acinzentadas. Nos ataques intensos, há queda e distorção dos botões florais.

Todas essas pragas são combatidas com preparados à base de malation ou paration, produto encontrado em inúmeras marcas comerciais de inseticidas. A solução feita com inseticida, de acordo com a recomendação do fabricante, deve ser pulverizada semanalmente nas plantas, fazendo-se uso de pulverizadores apropriados para uso doméstico.

As violetas-africanas podem ser fortalecidas com aplicação periódica de uma solução de adubos, a qual pode ser feita uma ou duas vezes por mês, dependendo do vigor das plantas. Existem diversas marcas de adubos (como por exemplo o hyponex, que tem uma mistura complexa de sais minerais e produtos orgânicos) para serem dissolvidos em água; com a solução, irrigam-se os vasos. A aplicação dessas soluções é feita seguindo-se as recomendações dos fabricantes.

Os vasos velhos de violetas-africanas precisam ser reformados após alguns anos. Aproveita-se essa oportunidade para a formação de outros vasos. Para isso, a planta é retirada do vaso, com torrão, que é desfeito cuidadosamente para liberar as raízes. Separam-se então as ramificações e brotações formadas em torno da planta-mãe; as mudas devem ter raízes. Se forem fortes e robustas, são colocadas em vasos, preenchidos com a mistura vegetal. Se forem fracas, colocam-se duas ou três em um mesmo vaso. Após o plantio, os vasos são irrigados e mantidos, se possível, em condições idênticas às em que se achavam.

Mudas de violetas-africanas também podem ser obtidas sem retirar a planta-mãe do vaso. Nesse caso, as brotações laterais são retiradas com a lâmina comprida de um canivete, procurando-se destacá-las o mais rente possível da planta-mãe.